

# A IMPORTÂNCIA DA HERANÇA TRÁGICA GREGA PARA A CONSTITUIÇÃO DOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS. Isabella Von Wolff. Claudia Valeria Penavel Binato. Inter-áreas – Letras – Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – *Campus* de Assis

## O Nascimento da tragédia e a definição de Aristóteles.

A tragédia grega nasceu do culto a Dioniso, filho bastardo de Zeus que fora confiado às ninfas do monte Nisa. Lá, acabou por inventar uma bebida que deixava a todos em estado de frenesi, extraída de videiras. Assim, passou-se a festejar a chegada do vinho novo em toda Grécia, e seus participantes festejavam até caírem desfalecidos. Ao que parece, estes participantes se disfarçavam de sátiros, homens-bodes. Teria nascido dessa forma o vocábulo tragédia, do grego *tragoidia*, do latim *tragoedia* e para nós tragédia que significa o canto do bode. Outros acreditam que esta palavra foi criada porque se sacrificava um bode a Dioniso.

Os devotos de Dioniso acreditavam que entravam em êxtase (*ekstasis* < *ek* + *stasis* = sair de si), ultrapassando dessa forma o *metron*, que é a medida de cada um. Com isso respondiam por outras pessoas e tornavam-se, então, atores. Este interpretar e agir provoca o ciúme divino, sendo o ator castigado com a cegueira da razão. Tudo o que ele fizer, realizá-lo-á contra si mesmo (*Édipo rei*, por exemplo).

Segundo Aristóteles a tragédia, palavra que recebeu de seu mestre Platão, é a imitação de realidades dolorosas; configura-se como tal no decorrer de seu enredo:

*“É pois, a tragédia imitação de uma ação séria e completa, dotada de extensão, linguagem condimentada, para cada uma das partes (imitação que se efetua) por meio de atores e não mediante narrativa e que opera, graças ao terror e piedade, a purificação de três emoções”*<sup>1</sup>

Normalmente a tragédia se dá na passagem da boa para a má fortuna. E todas as paixões e cenas dolorosas, apresentadas por via do poético, constituem-se *mimese*, imitação. São valores extraídos da realidade e, dessa forma, a arte é uma realidade artificial.

O herói não deve ser bom de mais nem o contrário, ele cai no infortúnio por causa de algum erro que ele cometa. Sua desventura deve suscitar terror e piedade. Distinga-se, também, conflito trágico (da felicidade para a infelicidade - caso de *Édipo rei*) de situação trágica (da infelicidade para a felicidade - caso de *Alceste*, *Helena*, *Oréstia*).

Com isso Aristóteles procurou explicar o desenvolvimento do gênero trágico.

## Considerações sobre os trágicos gregos e o que se depreende de sua análise.

No teatro grego, a obra de Ésquilo apresenta o homem num plano superior sendo, portanto, mais uma teomorfização das ações humanas. Seu drama é uma luta desesperada entre as trevas e a luz, entre Hades e Olimpo, entre *moira* (destino cego) e *dike* (justiça). Na filosofia esquiliana o fato de o homem se tornar faltamente cego é de responsabilidade dele mesmo. O sofrimento é uma forma de adquirir sabedoria e as personagens existem em função da fábula. Este sofrer pode, muitas vezes, ser decorrência não propriamente de erros individuais, e sim de uma herança maldita do *guénos* (pessoas unidas pelos laços de sangue, grupo familiar).

A *Oréstia* representa, na sua temática, o drama de uma maldição familiar iniciada com Tântalo em sua tentativa de testar a onisciência dos deuses, servindo-lhes as carnes de seu próprio filho. Passa por seu filho Pélops, pelos filhos deste, Tiestes e Alceus, seguindo com Agamêmnon e Menelau, pelos filhos de Agamêmnon e termina com o julgamento de Orestes, presidido pela deusa Atena, no qual houve o voto de Minerva.

Electra, filha de Clitemnestra e Agamêmnon, opõe-se ao assassinado do pai pela mãe e recebe o desprezo desta. Do comportamento de Electra, que Freud e Jung consideram equiparável ao de Édipo, eles pretendem explicar as características comportamentais e psicológicas de ser humano em relação a seus pais.

---

<sup>1</sup> Aristóteles. Poética. 1449b. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Edit. Globo. 1966

À trilogia *Orestia* dar-se-á, além do enfoque da maldição familiar, herança do *guénos*, o enfoque antropológico, defendido por Bachofen.

Com o retorno de Agamêmnon de Tróia, Clitemnestra responde ao marido com a *lei da thémis* ou direito antigo, que dá ao parente mais próximo da vítima o direito de se vingar. Então, ela se vinga de Agamêmnon por ele ter sacrificado a filha Efigênia. Orestes, por sua vez, representante do patriarcado e do direito novo, justifica-se em nome da justiça do *guénos* e da ordem expressa pelo deus Apolo, vinga-se de Clitemnestra pela morte de Agamêmnon.

O antagonismo é patente: de um lado, a *thémis*, a lei do talião, representa as trevas; do outro, como advogado de Orestes, Apolo representa o direito novo, a *dike*, a luz. Orestes é enviado a Atenas para ser julgado e um grande debate se trava entre a luz e as trevas.

Em conclusão o drama reflete, no seu todo, a luta entre o direito antigo representado pelo direito do *guénos*, e o novo direito que estabelece novos cânones jurídicos através do *ius fori*, a *dike*, o direito humano de acordo com o qual se passará, doravante, a legislar acerca dos direitos de sangue.

É assim que Ésquilo busca chamar atenção para a força de sua política, advogando uma nova mentalidade jurídico-religiosa, que julga as ações humanas atendendo sempre a consciência e a culpabilidade individual e não a mera conexão externa dos fatos.

Na tese de Bachofen, *Das Mutterrecht*, em relação ao matriarcado estuda-se como o poder feminino era importante para a constituição da religião e da organização social. Apoiando-se na história e na análise mitológica conclui-se que as sociedades primitivas se organizavam ao redor da figura feminina, pois a maternidade era a única certeza sanguínea que se tinha. As figuras femininas geralmente pareciam-se com a figura da Terra, mãe universal, geradora da vida.

Supõe Bachofen que através do processo histórico a *ginecocracia* foi derrotada pela *androcracia*; ao matriarcado sucedeu o patriarcado. O homem tornou-se dominador na hierarquia social. O combate dialético entre o céu e a terra termina com o voto de Minerva, que instituiu definitivamente o sistema patriarcal.

Na peça *Édipo Rei*, de Sófocles, encontra em sua progressão interna as duas teses defendidas por Freud e Bachofen. Verificamos que o tema básico da tragédia é o conflito entre pai e filho.

Freud conclui que o mito de Édipo confirma sua opinião de que os impulsos incestuosos contra o pai, rival, são encontrados em qualquer criança do sexo masculino. Porém, Bachofen propõe que a hostilidade entre pai e filho deve ser compreendida como uma investida da vitoriosa sociedade patriarcal contra a ordem matriarcal. Percebe-se esta oposição também na continuação de *Édipo rei*, *Antígona*. Nesta a filha de Édipo enfrenta o tio Creonte na defesa de sua consciência individual. É uma luta entre o estado totalitário - representado na figura de Creonte e justificado pelas normas jurídicas da Sofística, que pregavam o uso da razão por um único representante - e o postulado da consciência individual, representado por Antígona. Com a morte de Antígona, sai vitoriosa a consciência individual sobre a tirania estatal.

Na obra de Eurípides encontramos os últimos traços de uso da mitologia, pois suas personagens já agem de acordo com sua própria vontade. O amor, *Eros*, e a *moira*, ou castigo, é que irão funcionar como fator condicionante da sua obra, substituindo o poder do acaso tão utilizado por Sófocles e Ésquilo.

*Medéia*, de Eurípides, é a tragédia de um amor transmutado em ódio mortal. Medéia que, após ser tão útil para as conquistas de Jasão, é descartada por este que pretende casar-se com outra. Tomada de um ódio mortal, ela vinga-se de todos matando seus próprios filhos para que Jasão fique sozinho. Após a morte dos filhos, Medéia foge num carro alado para Atenas.

Medéia dentro da nova estrutura trágica não é apenas uma mulher sanguinária e vingativa, mas uma figura que personifica as forças cegas e irracionais da natureza.

Dessa maneira, no presente estudo aprofundaram-se algumas considerações sobre as influências das tragédias gregas como herança literária para os dias atuais. Como o objetivo deste trabalho de pesquisa é ler, fichar e discutir os textos bibliográficos existentes na biblioteca da unidade universitária de Assis, julgamos de grande importância para os estudos contemporâneos apresentar as obras trágicas gregas. Podemos, assim, concluir que os escritores: Ésquilo, Sófocles e Eurípides, cada qual a sua maneira, elevaram o gênero trágico grego ao seu apogeu, utilizando-se do mito como temática para a constituição do direito grego. Concluímos, ainda, que tais obras foram básicas para as considerações psicológicas e comportamentais tão amplamente discutidas por Freud e Bachofen.

#### Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. Poética. . Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Edit. Globo. 1996;  
BACHOFEN, Johann Jakob. Das Mutterrecht. Frankfurt. Suhrkamp Taschenbuch. 1975 ;  
FOUCAULT, Michel. A Verdade e As Formas Jurídicas. Rio de Janeiro. PUC. 1974;  
FREUD, Sigmund. The Interpretation of Dreams. New York. The modern library. 1938;  
BRANDÃO, Junito de Souza .Teatro Grego – Tragédia e Comédia Petrópolis. Edit. Vozes. 2002;

Bolsa: Programa de Auxílio e Aprimoramento ao estudante (PAE)